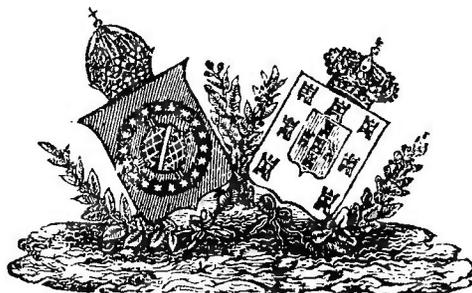


A SAUDADE

PUBLICAÇÃO LITTERARIA E INSTRUCTIVA

INSTITUIÇÃO DO

GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ



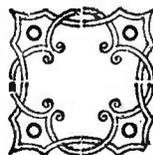
RIODE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DE FORTUNATO ANTONIO DE ALMEIDA

Rua da Valla n. 141

—
1856.

	PAG.		PAG.
Seus olhos (poesia)	104	Calvino	96
Sítio e a Linade (poesia)	45	Character portuguez.	56
Soffrer (poesia)	168	Combate singular	80
Soffrimentos (poesia)	158	Como este ha muitos.	160
Sol e o amor	110	Deos os fez e o diabo os ajuntou	160
Solitario (o).	94	Frederico II e o soldado . .	80
Sonho (o) (poesia)	44	Glorias de além do tumulo	176
Tentativas poeticas (a lua e o Douro) (poesia)	142	Impressões de viagem (um passeio á rua do Ou- vidor)	192
Tentativas Poeticas, Portugal (poesia)	183	Loteria	46
Teu collo (poesia)	54	Luthero	88
Teu destino (o) (poesia)	151	Origem dos meirinhos	32
Transviada (poesia)	125	Paciencia de um preso	62
Um adeus (poesia)	5 e 135	Pretendentes de Amelia (os) (comedia)	38, 55, 63, 72 e 87
Um anjo (poesia)	151	Porto e cidade de Mascate	7
Uma estrella (poesia)	36	Resposta espiituosa	72
Vida do campo (a).	28	Trapaceiros (os)	47
Vou partir	116	Um bis mal interpretado.	56
		Um dilettanti americano.	56
		Variedades.	3, 40 e 48
		Vigilia	47
VARIEDADES.			
A emigração dos passaros	15		
Apologo	48		
As flôres vorazes	152		
As mais bellas flôres da vida	7		
As ruinas	38		



A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. II.

Domingo 10 de Fevereiro de 1856.

N. 4

A SAUDADE.

(AO VOAR DA PENNA).

A's vezes uma só palavra exprime uma grande idéa ; mas ha idéas que nem todas as palavras poderiam cabalmente exprimir-as na sua mais lata significação.

Como a palavra Providencia, que exprime a immensidade, o presente, o passado e o futuro n'um só élo, a vastidão, o espaço, o infinito, o mar, o Céu, as estrellas, o sol, a lua, os planetas, a terra, o cahos, a ordem, o gorgear dos passaros, o cybilo e o rugir das feras, a solidão da floresta, a tempestade, e todas essas notas magicas e sublimes, que compõe o canto harmonioso da existencia de um ser supremo; assim a saudade exprime todos esses queridos affectos da alma que revoa para o passado, e n'elle contempla essas recordações da mocidade, da idade das illusões, das aspirações vagas, do scismar no futuro, dos sonhos dourados de ambições generosas, d'esse ver e crer d'outros tempos, que não poderemos mais tocar, por que em relação ao passado somos como o Tantalos da fábula: desejamos os pomos que vemos, mas não podemos alcançal-os.

A saudade é esse recordar das primeiras caricias de uma mãe, que nos trouxe em suas estranhas, que nos nutrio a seus peitos, que velou por nós, como o anjo da guarda, que Deos collocou no nosso berço e no primeiro estadio da peregrinação da vida.

A saudade é esse respeito cordeal, que consagramos a nossó pai, que nos tomava ao collo, quando eramos creanças, que brincava connosco, quando meninos, que nos aconselhava quando moços, que nos abençoou quando nos despedimos.

A saudade são as recordações d'esses brincados e folgares descuidados, que tinhamos com nossos irmãos pela relva florida dos campos da herdade paterna.

A saudade é a igreja da parochia com os seus festivos campanarios, com os seus altares rescendentes de incenso, com o seu parochio venerando, e como nunca mais vimos outro, que se lhe parecesse, com os canticos religiosos que ascendiam ao throno de Deos nas azaes dos cherubins, e toda essa mystica devoção, que será a nossa mortalha de homem religioso.

A saudade são os prados, e os campos, o sol e a lua, as arvores que se agitam, as agoas que se deslizoem, e as aves que fendem os ares, é toda essa atmosphera, toda essa paisagem, todo esse viver e crer da terra querida da patria; é todo esse magico e vaporoso quadro, que, cá de tão longe, temos estampado no coração e na lembrança com os seus traços salientes, com o seu colorido fiel, com todos esses toques de vivas tintas, que o tempo não póde desbotar.

A saudade é essa afeição a um ente, que ja não era *anjo* mas que tambem ainda não era *mulher*, que encontramos no amanhecer da vida e a quem queriamos, não com affecto de mãe ou de irmã, mas com uma adoração estatica, entre o amor a Deos, e a amizade aos homens.

Ora todas estas afeições augmentam de intensidade, se ellas são recordadas tão longe d'esses lugares queridos da infancia e do primeiro sentir: então a saudade absorve-nos, torna-se a nossa idéa fixa, é a lampeda que nos alumia a existencia resignada até ao aportar nas margens da sepultura.

Foi talvez d'uma d'estas situações, que brotou a *Saudade*: é ainda n'uma d'estas situações que ella vae entrar no seu segundo periodo.

A nossa folha continuará a simbolisar a flor rude, tristonha, mas expressiva, a que os botanicos ligaram a idéa da reminiscencia de um passado querido. Como os jardins campestres de nossas herdades ruraes, assim ella continuará a cultivar as flores locaes, as flores genuinas da atmosphera em que nascêra; não pretendemos para o nosso rude jardim nem as magnolias, nem as tulipas, nem as camelias, nem essas flores de uma botanica aristocratica: os tomilhos, as alfazemas,

as madresilvas, o alecrim, as violetas e as rosas são as flores, que escolheremos para com ellas formar o ramalhete da *Saudade*.

Como as flores campesinas, que recamam os prados nos dias da primavera, sem odor exquisito, mas de cores expressivas, e que annunciam a estação das flores e dos fructos, o verão, assim as paginas da *Saudade* symbolisarão as premicias de alguns talentos, que um dia podem pertencer á estação viril das flores e dos fructos, o verão.

Aos que perguntassem para o que servem estas poesias, estas aspirações d'uma pleiade de talentos noveis, mas esperançosos, perguntariamos com Frankelin para que serve uma creança que engatinha? Se nos respondesse que para um dia ser homem, responderiamos tambem que os cultores da *Saudade*, se não tem aspirações litterarias, tem ao menos a louvavel e nobre conducta de applicar as suas horas de sexta a este util entretenimento.

A *Saudade* é, segundo nossa opinião, um importante motor de civilisação e moralisação de uma grande classe, que um dia terá uma importancia e alcance social. Cifrar na redacção e na leitura da *Saudade* os legitimos ocios de tão grande pesoal é esta por certo uma empreza louvavel.

Foi n'esta intenção, e sob este ponto de vista, que hypotecamos á empreza da *Saudade* nosso humilde contingente.

Como o jardineiro, a quem só cabe plantar, e regar as plantas, que lhe confiam, tal é o nosso mister, ageitando e dispondo os artigos dos redactores da *Saudade*.

As intenções e a vontade com que aceitámos este encargo são cordeaux : oxalá correspondamos á espectactiva dos generosos mancebos, que appellaram para o nosso reconhecido empenho de ser util á cultura das letras.

R. D'A.

LITTERATURA.

Paginas intimas.

Escutae !

O solitario canta ; sua voz é triste e gemebunda : paira-lhe nos labios o sorriso, mas nada-lhe em pranto o coração !...

Que de segredos não encerra esse sorriso !

Quantas exprobrações ao mundo !

Quantas maldições aos homens !....

Escutae seu canto ; que póde elle inspirar-vos ? Nada que não leve um sopro impuro d'esse mundo a que fugio !...

Escutae-o, pois.

Um consolo, entretanto, resta ainda *

Ao pobre velador :

Deos lhe deixou, nas trevas da existencia,

Doce amizade e amor.

Tudo o mais é sepulchro, branqueado

Por embusteira mão ;

Tudo o mais vãoos prazeres que só trazem

Remorso ao coração.

Passarei minha sorte á luz tão meiga

Até o amanhacer ;

Até que suba á patria do repouso

Onde não ha morrer.

Parou de novo; as ultimas notas do seu canto, impedidas pela brisa, forão morrer além. A cabeça pende-lhe sobre o peito ; é que o seu canto despertára-lhe amargas e pungentes recordações !...

Elle chora... O pranto serve d'alivio ; as lagrimas candentes, mas calmas, dão conforto !...

Não o accordeis da sua dor ; seria uma blasphemia !

Reflectia muito ; as scenas da sua vida de infancia, desenhadas em caracteres scintillantes, vem subtrahil-o ao seu lethargo !

Elle levanta a cabeça, mergulha suas vistas n'amplidão do espaço, pensa um pouco, aparta os louros cabellos, que lhe tinham cahido sobre a testa, e com voz triste e afflictiva, como aquella com que os *Gaullezes* pranteavam uma victoria dos Romanos ; começou assim :

« A vida é curta, do berço ao tumulo a distancia é nada !...

« Sorrimos hoje, choramos ámanhã, e entoamos hymnos de amor e d'afflições !... A existencia é real, sim, mas a cadêa, que nos prende a ella é occulta e mysteriosa... Vimmos ao mundo envolvidos na mortalha que nos ha-de cobrir, reunimos em torno de nós doces e san'as affeições : se de-beis eramos tornamo-nos fortes. A planta, á força de cuidados, torna-se arbusto, o fructo nasce e amadurece. Assim somos nós. Como a planta tambem damos bons e máos fructos.

« Pois bem, n'estas phases repetidas da nossa existencia, quantas decepções vem destruir nossas mais charas esperanças ? ! De que serve, pois, a vida ? !

O solitario parou : o sorriso voltêja-lhe nos labios. Esse sorriso agora é o da resignação : é um sorriso de martyr !...

* A. Herculano, *Harpa do Orente*.

Ouvi-o commigo :

« Amei outr'ora !... Esse amor, que me embriagava de continuo, fez-me esquecer o mundo real em que vivia, e outro mais bello e menos phantastico se me desenhou no porvir. Esqueci-o bem, sim, por que elle, máo como era, quiz subtrahir-me aos encantos infindos, que admirava n'ella ; e ao prazer immenso e inexplicavel, que sentia ao contemplal-a !..

« Essa felicidade ? oh ! — foi o despertar d'um d'esses sonhos fagueiros que nos embalam na infancia ! Foi um lampejo d'esperança que brilhou no espaço : desaparecendo tão rapido como se formára !..

« Aquella, que eu amavà, arrastada no turbilhão dos prazeres, que lhe offerecia esse mundo enganador, esqueceu-me para sempre ; e engolphada n'elles acolheu com um sorriso de escarneo a confissão do meu amor !..

« Dahi em diante trevas medonhas envolveram-me o espirito ! Sem crença nem fé, amaldiçoando os homens, cruel para com elles, embrenhei-me nos bosques como lobo feroz que foge ao caçador. A minha raiva, contida até ali, rebentou como uma cratera volcanica ! Quiz social-a — não tive em quem !

« Os animaes vorazes respeitaram-me : parecia terem comprehendido a minha dor, e as consequencias d'ella !

« Em breve se tornaram meus companheiros. Em breve, por uma transicção, que não sei explicar, o espectáculo calmo e magnifico da natureza me offereceu as consolações que pediria em vão a esse mundo de que fugira.

« Hoje nada quero d'elle. Se minhas cans me tornam velho, se as rugas profundas, que me suleam as faces attestam um padecer occulto e profundo... já passou : o meu espedaçado coração batê sempre com socego, a mocidade identifica-se n'elle, que mais devo desejar ?...

« Aqui, longe de mil vistas carinhosas e zombeteiras, quanto é doce a oração !

« A natureza, virgem do contacto impuro dos homens, sorri sempre. As flores, desabrochando livremente, ostentam-se vaidosas em suas petalas, e só a mesma natureza as faz murchar.

« Os prados — verdejantes de continuo, convidam ao repouso.

O rio corre além brando, em seu murmurio. Tudo é risonho e socegado ! Os passarinhos cantam alegremente nas arvores, e entoam commigo

os hymnos de gratidão com que celebrou o primeiro arrebol da manhã.

Quanto és sublime, oh ! natureza ! . . .

Rio, 3 de Fevereiro de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Meditações.

Vós, ó vaigas d'Ourique
Ormuz, Ceuta e Arzila,
Bem sabeis se vacilla
Na pejeja o Luzitano:
Ahi está Aljubarrota,
Montejo e Val-de-Vez
Que digam o que elle fez
Ao fero Castelhana.

(Do AUTOR.)

I

Era a hora, em que as portas rosiclores do Oriente se começam d'obscurer e cerrar ; e em que o rei fulgente do dia adormece amoroso, envolto em seu aureo manto, no seio adamantino da saudosa Amphytrite. Era a primeira hora do remanso da natureza, remanso poetico e solemne, em que o espirito *lasso* do bulicio das turbas, e do conflicto do egoismo e da ambição, despe a tunica candente das paixões, e se desprende dos ferros que o alçapremavam ao poste da materia. — Já por sobre o cristal do magestoso Parahyba, se refrangia e espelhava a face enrubecida e sympathica da pudica Diana, que por entre a ramagem denteada das palmeiras, surgia meiga e indolente.... Que hora solemne e inspiradora, se eu fôra poeta !!! Com o coração arroubado em delicias, e com o espirito desassombrado, remontava nas azas do pensamento, aos horisontes sem fim da imaginação. —

Depois de haver transposto o argenteo estendal do Atlantico, repousou-me o caprichoso pensamento, n'um ponto quasi invisivel da esphera terrestre.

II

E eu vi ao occidente da Europa, entestando com o mar, a dormir o somno precursor da agonia, debruçado sobre o dorso alcatifado de suas montanhas, um povo, a quem outr'ora enramavam a fronte altiva, as palmas immarcessiveis do triumpho, e as virentes grinaldas da gloria. — Quem seria a Dalila treda, que cortou os cabellos d'este Sansão ? Quem seriam os infames Philisteus, que, á traição, maniataram o Nazareno ?

Qual foi a mão impia, que se levantou nas trevas sobre o dilecto do Senhor ?....

Em quanto o pensamento se me embevecia na solução d'estas questões, tristes, como um céu sem estrellas, e terríveis como o leão captivo em sua jaulla: os joelhos se me curvavam d'inertes ou antes subjugados por um pensamento religioso: as faces se me afoqueáram de vergonha, e o peito se me debatia em violentos anceios, ao passo que nos seios mais intimos d'alma me trescalava um sentimento de veneração, para com o gigante *prostrado mas nunca vencido*.

III

Aqui n'este recinto limitado, que abrangem meus olhos, dizia eu commigo mesmo, floreceu nas eras que já fôram, um povo aventureiro e guerreiro, *novo temor da Maura lança, a quem Neptuno e Marte obedeceram*. Suas frotas emulando com as dos antigos Carthaginezes e Phenicios, dominavam desde o Atlantico ao Pacifico, desde o mar das Indias até ao Glaciel.

O ouro d'Ophir e de Sabá, os coraes das Maldivas, as perolas d'Hevila e de Ceylão, os diamantes do Brasil e de Goleondá, o ambar do Baltico, as sedas de Damasco e da Serica, a purpura de Tyro, os ricos tecidos de Kachemira, as essencias d'Arabia, a myrrha e o marfim Africano, o almiscar de Thibet, o aloés de Cochim e o estanho de Cornualhes, e todas, quantas preciosidades encerra o globo — Erão as suas riquezas. —

Demolir a tyrannia, soccorrer o opprimido, proteger e acatar a innocencia, desmascarar a hypocrisia, amar a Deos e a virtude, e morrer jubilosos pela patria e pela rainha de seu coração — Era a sua divisa — A immensidade dos mares, as montanhas e planuras da terra, os povoados e desertos, as ilhas e promontorios, os golfos e os estreitos — Erão seu theatro de gloria — Deos e a virtude, o amor e a Patria, a liberdade e a gloria — Erão a sua religião. —

IV

Em quanto o espirito me revoava em semelhantes cogitações meus olhos se elevaram automaticamente ao céu, como que para inquirir-lhe as causas, que haviam despenhado este povo, do apogeu da opulencia e do poder, no barathro da miseria e da indolencia.... E eu vi uma aguia sinistra, com as azas distendidas, açoutando o reflexo luminoso do astro da noute; com as garras de ferro, e de voz desigual, ora simulando o chilro mono-

tono e estridente do açor, ora o gorgueio melodico do rouxinol. — Era o symbolo d'esse vampiro das trevas, que paira sobre o infeliz Portugal — Era a imagem de Albion !!! — As azas destendidas, espancando a luz — significava sua insaciavel ambição; ambição fatal, que nos roubou Bombaim, Tanger e o porto de Columbo, que nos trouxe o ignominioso tratado de Methuen, a tumba da nossa industria. — As garras de ferro, indicavam sua avidez e egoismo, foram ellas que nos produziram a invasão franceza; que em 1801, nos abandonou á protervia da Hespanha, e á avidez da França, e que nos fez perder o porto de Olivença e a Guiana. Foi ainda sua avidez e egoismo, que feclharam nossas fabricas, que floreceram sob um Conde de Ericeira e um Marquez de Pombal, e que apagam a mais tenra restoa de progresso, que scintile na Luzitania. Seu chilro desigual, designava a duplicidade de sua politica, soberba e rispida com o fraco, como a Grecia e Portugal, assucarada e humilde com o forte, sirva d'exemplo a recente questão dos Estados-Unidos. E' a esta sua soberba para-com o leão decrepito e agonizante, que devemos a linguagem violenta de Lord Howard, inspirado por Palmerston, reclamoudónos perto de 750,000,000 (fortes), sendo certo que d'essas reclamações só eram attendiveis os fornecimentos á divisão Clinton e as pensões de Beresford, Wellington e Ogländer, e ainda assim abstrahindo os juros, porque todas as outras eram manejos vis d'aventureiros, como o jogador Mr. Andrews, e como o visionario Doyle.... O' vergonha! O' infamia! Quando nos emanciparemos nós dos ferros d'esses insulares? !!!....

V

Erguei-vos do abismo, memorias d'Orique e d'Aljubarrota, de Valverde e de Trancoso, vinde pleitear vossos foros. Surgi da poeira do olvido, heróes de Diu, guerreiros de Ceuta, Tanger e Arzila, e surgi tambem vós, Egas Muniz e Magriço

« Pacheco fortissimo, e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;
Albuquerque terrivel, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte »

desembaraçai-vos do sudario dos seculos, e vinde vingar vossos netos d'esse marasmo e abatimento, em que os manejos do egoismo, e os enredos d'ambição, os sepultaram. Sombras venerandas de Perestrello, de Zargo, de Bartholomeu Dias, de Vasco da Gama, Alvares Cabral, e Magalhães,

surgiu do tumulo, vinde dizer a estes insulares, que vós os descobridores do Mundo, os argonautas do Mestre d'Aviz, de D. João 2.º e D. Manoel, o venturoso, protestais contra a tutela d'esses ilhéos, que nos tratam como colonos; dizei-lhe que no peito de vossos descendentes, dos batalhadores denodados de Montijo, Linhas d'Elvas e Montes claros, pulsa gratissimo o amor da Patria e da gloria, que não somos feudo de ninguem, que a nossa independencia conquistamol-a aos Mouros e Castelhanos, e recentemente aos Francezes em Albuera, Badajóz, Santarém e Bussaco, e tudo pelo terror de nossas armas, e pelo brio e bravura de nossos soldados. Gritai-lhe que os Portuguezes não são os seus miseros colonos da Jamaica, nem os seus tributarios do Indostão, mas sim um povo heroico e guerreiro, que préza suas immunidades, e que se a indolencia fatal de seus governos, e a cobiça infrene d'alguns ministros e o egoismo e ambição d'Albion, lhe ha estancado os mananciaes de sua agricultura, e as fontes de sua industria e commercio, não tardará o arrebol da aurora de sua reconstituição, senão como nação poderosa, ao menos como povo industrioso e civilisado, porque a seiva de sua actividade, e os elementos de sua riqueza, tornarão a calar em seu seio, que só arfa para os sentimentos nobres e para os doces affectos, se lhe extirparem os cancrios que lhe minão a expansão....

VI

O' Luzitania! zombão de ti, porque te vem prostrada, e porque tuas quinas já não tremulam ovantes em todos os angulos do Mundo, és o leão decrepito da fabula, o asno protervo te coucêa, embora rujas

O' Deos de bondade, que subiste ao horto da agonia e ao Calvario, para redempção da humanidade, e que quizeste, que nas armas de Lysia se gravassem tuas chagas, amerceia-te d'um povo, que sempre timbrou em guardar puros teus santos dogmas; derriba esses collosos soberbos, que se nutrem com o sangue dos opprimidos, deixa, que arda puro, em ambula d'ouro, o facho resplendente da liberdade, e agora mais que nunca, Senhor, illuminaí o espirito do joven Monarcha, que cinge a corôa de D. Manoel: as nações já lhe pagaram o suffragio de sua admiração, por seus talentos, tocaí-lhe vós o coração, para que ame seu povo, para que eleve a instrução publica, á altura que lhe compete como nação civilisada, para que fomentê a industria, a agricul-

tura e o commercio, essas trez fontes da riqueza publica, de modo que Portugal pareça haver recuado ao seculo, d'aquelle de nossos reis, unico, a quem a historia conferio o nome de venturoso.

Resende, 16 de Janeiro de 1856.

DELPHIM AUGUSTO MACIEL DO AMARAL.

POESIAS.

Um adeus.

Adeus, Eulina formosa,
Adeus bella flôr mimosa
Por quem tanto suspirei;
Teus encantos seductores
Que fallavam só d'amores
Nunca mais os gosarei.

Não terei mais a ventura
De te ver formosa e pura,
Qual a rosa ao despontar:
De ver-te a fronte adornada
De sacro louro enramada
Eu jámais posso olvidar.

Nem dos olhares fagueiros
Que mandavas feiticeiros
Ao meu pobre coração;
Nem da divina ternura
Que mostravas com doçura
Não olvidarei, ai... não !...

Se contigo m'encontrava
O meu peito palpitava,
Vinha ás faces o rubor;
Eulina, n'esse momento
Levavas-me o pensamento
Entre os encantos d'amor !

Mas o tempo foi passando,
Nas brancas azas levando
Nossa tão pura intenção;
Nossa fagueira esperança
Embalada entre a bonança
Do teu e meu coração.

Ai!... adeus, não mais te vendo
 Irão meus males crescendo,
 Pois é destino dos céos
 No amar ser extremoso,
 Mas ser sempre desditoso!...
 Oh! Eulina!... adeus... adeus...

M. LEITE MACHADO.

Saudades.

Sinto meu peito affligir-se
 Com uma angustia mortal,
 Acaso serão saudades
 Da minha terra natal?
 Do meu berço onde nasci
 Do meu lindo Portugal?!

D'esses bosques, lindos bosques,
 D'essas floridas campinas,
 D'esses prados tão relvosos,
 D'essas auras matutinas,
 D'essas rosas e açucenas,
 Jasmims e tenras boninas?

Ah! que são, e de que mais?
 De um pai, que lá deixei,
 De meus ternos irmãosinhos
 De uma bella a quem amei;
 Porém hoje desterrado
 Quando vel-los, eu não sei!

Se d'este lugar que habito
 O triste som de meus ais,
 Podesse repercutir
 N'esse lugar em que estais;
 Eu já não me entristecia
 Não lamentaria mais.

Vinde, oh ligeira brisa,
 Meus gemidos receber,
 Vinde, vinde, em vossas azas
 Quando ancioso eu estiver;
 Levar-me um terno suspiro
 A' terra do meu nascer.

Setembro de 1855.

A. J. DE CARVALHO LIMA.

A Despedida.

Voga, voga, baixel, fende as ondas
 Conduzido nas azas do vento,
 Em quanto eu n'esta lyra de dôr
 Faço ouvir um saudoso lamento:

Um lamento profundo de mágoa,
 Um gemido que o peito m'anceia,
 Um suspiro ao deixar tuas praias,
 Magestosa e soberba Ulissea...

Gratos sonhos de gloria e d'amor,
 Com que outr'ora tão crente sonhei,
 Já não devo pensar mais em vós,
 Que é mister esquecer-vos, bem sei.

Esperança, futuro e prazer,
 Tudo em mim n'este dia findou,
 Negra sorte meus sonhos desfez,
 Tristes lagrymas só me deixou.

N'esta lyra sagrada á saudade
 Magoadas canções pulsarei,
 Ao scutar da rolinha o carpir
 Eu com ella tambem carpirei.

Em meu longo e penoso desterro
 Minha vida que triste vae ser!
 Lá tão longe das margens do Tejo
 Que saudades eu hei de soffrer!...

Voga, voga, baixel, fende as ondas,
 Conduzido nas azas do vento,
 Em quanto eu, n'esta lyra de dôr,
 Faço ouvir um saudoso lamento:

Voga, voga, que a brisa da noite
 Brandamente nas vélas murmura;
 Voga, voga, que ao longe a cidade
 Já s'esconde n'um véu de negrura.

Minha vista procura anciosa
 Vêl-a ainda, ainda uma vez....
 Ai de balde! que o manto da noite
 S'estendeu com fatal rapidez.

Tudo trevas... e luto.... e silencio....
 E minh'alma d'angustia a soffrer!
 Mas não posso.... meu extremo gemido,
 Vem dos labios á flôr fenecer....

Voga, voga, baixel, fende as ondas
 Conduzido nas azas do vento,
 Em quanto eu n'esta harpa de dôr
 Não exhalo meu ultimo alento.

O Riso e o Bejo.

(IMITAÇÃO DE VICTOR HUGO).

Se eu fôra rei ceder-te-hia o sceptro,
 O throno, as graças e o povo meu,
 Da terra as pompas e do mar as frotas,
 Tudo, tudo por um só riso teu.

Se eu fôra Deos, o mar e a terra,
 O espaço, o cahos, a ternidade, o céo,
 Os anjos todos ante ti curvados,
 Tudo, tudo por um só bejo teu.

R. D' A.

VARIEDADE.

As mais bellas flôres da vida.

Quando a nossa existencia é adornada pelas
 ossas virtudes e boas acções, tomos concebido,
 em duvida, as mais bellas flôres da vida. Mas
 como as poderemos ostentar se as duas cousas
 recedentes não possuímos? E' mister estarmos
 scudados pelos principios religiosos da sã edu-
 cação, para que não possa vir o rigoroso fado
 ol-as tolher inda occultas no tenro botãosinho.
 E' mister emfim, que haja um braço cultivador e
 ffavel que se disvele incessantemente pelo seu
 esabrochar; livrando esse mimoso arbusto do
 contacto de algum animal immundo que o deseja
 matar com o seu halito empestado. Mas qual deve
 ser esse braço robusto e disvelado pela sua pros-
 peridade, e pelo abrir futuro das bellas flôres? !
 Pensamos que esse braço seja o de um pai.

Mas quantos não ha, que levados pela torren-
 da ignorancia, pouco ou nada cuidão no futu-
 ro de seus filhos? !... Entregam-nos a estranha
 cultivação, imaginando que assim cumprem for-
 nalmente o seu dever! Sem pensarem que, o
 que nosso em mão estranha, medrar não pôde.
 Aibramos com franqueza o nosso preambulo;
 aa muitos pais que tolhem as flôres que podiam
 brotar de seus filhos, por falta de não saberem
 desempenhar um lugar tão honroso e santo, que

os laços do matrimonio lhe impozirão; ah! que
 na educação se cultivão as flôres, ou eu me en-
 gano. Não basta que os mandem para uma famo-
 sa academia, e que esta seja dirigida por um dis-
 tincto e honrado homem, não, porque elle não
 poderá por mais habil que seja, cuidar como se
 deve da sua educação moral; e prouvera a Deos que
 muitos não sahissesem d'ahi mais mal educados do
 que quando para lá entrãrão!... E será isso cul-
 pa do honrado director? não, mas das conse-
 quencias do tempo, que elle jámais poderia evi-
 tar. Ora, se um pai quer ver despontar essas
 bellas flôres em seu filho, que seja mais consci-
 encioso nos principios da sua educação; desvelan-
 do-se pelo risonho futuro que o aguarda, se vier
 protegido pelo braço virtuoso de seu pai: que
 não deixe passar despercebidamente, qualquer
 aragem pestilente, que muitas vezes o faz balan-
 çar, e correr risco de se ferir ao embater contra
 algum arbusto espinhoso; una-o com os laços da
 santa religião, não poupe desvelos, vele cuidado-
 samente, que verá então, como elle inabalavel,
 zomba altivo e forte do furacão: d'esses desmo-
 ralisados costumes que rodeando-o ameaçavam-
 no destruir. E depois já sem mingua do seu au-
 xilio, mostrará aos raios do sol as flôres mais
 bellas, e puras, que só colhel-as compete ao
 nosso Deos!... Quanto a mim, se estas pobres
 mas sagradas flôres que cheio de fé busquei des-
 crever, forem acolhidas com a mesma fé, darei
 este meu minucioso trabalho por bem empregado,
 do contrario restar-me-ha o contentamento
 de o ter feito com a mão na consciencia e o pen-
 samento em Deos.

Fevereiro de 1856.

M. LEITE MACHADO.

Porto e cidade de Mascat.

Mascat, o principal porto da costa oriental da
 Arabia, é governado por um chefe independente.

O porto que fica, 23°-38' latitude norte, e lon-
 gitude 59°-15' lestes; é formado por uma pe-
 quena enseada, ou bahia cemicircular, rodeada
 por altos, ingremes e estereis rochedos, que se
 estendem á meia milha de distancia até a cida-
 de, desde a entrada da bahia; e estendendo-se
 assim do outro lado até o exterior do anchora-
 douro, que é formado á entrada da mesma. Ha
 um quarto de milha de largura de forte a forte;

que guardão á entrada dos lados, de leste, e oeste.

A entrada da bahia, é pelo lado do norte, por ter bastante fundo ; a agua percorre ali de trinta a cincoenta braças por minuto, mas só a entrada do porto.

Os navios que entrarem com vento fresco não devem afastar-se mais de dez braças do anchoradouro, porque o fundo está semeado de bancões, e não ha espaço para manobrar. A cidade de Mascát está situada perto da praia, nos flancos dos rochedos.

E' de uma forma irregular e mediocrementemente edificada. E cercada de muralhas ao redor com algumas pequenas torres redondas nos angulos principaes ; segundo o costume arabico. Porem estas muralhas são só do lado de terra. A parte que faz face para o mar, está inteiramente aberta.

Sua população anda por cerca de dez mil almas (10,000). D'estes, perto de nove decimos são puramente Arabes, ou Mahometanos ; os restantes são principalmente do Hindostão. Ha somente quatro ou cinco Judêos ; e nenhum christão, residente na cidade. Os direitos sobre o commercio são 5 por cento ad valorem ; pagos pelos estrangeiros de qualquer nação, que são os que importão ; *sobre todos os generos*. Não ha direitos sobre qualquer genero de exportação. A alfandega que fica opposta ao caes de desembarque ; ambos para os passageiros, e para os generos ; é simplesmente uma praça aberta de vinte pés ; com bancos em roda ; de um lado é aberto para o mar ; e a coberta em forma de têlhas abriga-a das estações. Este caes de desembarque é tambem a praça commercial, onde é costume durante o fresco da manhã, ver-se os principaes mercadores reunidos ; alguns assentados sobre velhas peças sem uso ; outros sobre marcasitas e outros sobre peças de cabos. Expostos assim no caes puchando por suas barbas, e parecendo serem os maiores preguiçosos, em vez de homens entregues ao commercio ; não obstante isso, quando um estrangeiro se ajunta com elles encontra objectos e pensamentos para augmentar mais sua conversação. Na cidade os cavallos, usão-se raramente e todos aquelles que viajão ou passeião usão das mulas, e dos camellos.

A tranquillidade que reina por todo o lugar, a tolerancia, e civilidade mostrada aos estrangeiros, de qualquer nação ; podem attribuir-se ao

estado indefeso do povo, do que á vigilancia d'uma boa policia ; não sendo regular ali um estabelecimento, dessa natureza.

Carregamentos inteiros de mercadorias, e mesmo qualquer outro genero de valor, deixão-se ficar expostos no caes e muitas vezes mesmo nas ruas sem temor de roubo.

Todas as cousas são favoraveis á liberdade pessoal ; a segurança, o tratamento, e a accommodação dos estrangeiros ; e os Arabes de Mascát ; podem ser considerados segundo os costumes o pedem ; como os mais civilizados de todos os seus compatriotas.

Todos os generos de provisões, assim como aguada ; obtêm-se ali com facilidade.

Carne ; os vegetaes, as frutas, em sua propria estação, são muito abundantes e de excellente qualidade, e o peixe em lugar nenhum é mais abundante e mais delicioso do que ali. A agua é tambem muito pura e saudavel. A falta de tripulação, em qualquer navio, pôde ser supprida com navegantes Arabes ; os quaes ha em abundancia, e são indubitavelmente bravos, valentes, e melhores marinheirões que os Lascars da India posto que seja muitas vezes difficil conserval-os em ordem.

Vertido do inglez por

JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

Rio de Janeiro, 14 de Setembro de 1855.

Origem das Misuras.

Esta cortezia das senhoras procedeu do costume, que havia na côrte de nossos reis, onde, e diante dos quaes, quando havia serão, ou sarão, dançavão os reis, rainhas, e damas com os fidalgos ; e para isso erão as damas e donzellas do paço ensinadas por mestres a dançar ; e porque a certos passos medidos fazião pausa, abaixando-se direitas e com o rosto direito com acatamento ás pessoas reaes, quando chegavão a ellas, chama-vão a essas pausas medidas, mensuras, e depois mesuras ou misuras, porque com passos certos e medidas da dança se fazião : pouco a pouco se foram essas pausas, ou mensuras airosas, que se fazião aos reis por cortezia, estendendo a outras pessoas em mostra de reverencia e civilidade ; a qual se faz á pessoa superior abaixando um pouco a cabeça, e á igual com o corpo e rosto direitos.

TYP. DE F. A. DE ALMEIDA rua da Yalla n. 141.